1

“Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faz o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lbe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém deveis coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De forma que o cumprimento da lei é o amor. E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia: não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências” (Romanos 13.1-14).

Em nosso estudo desta grande Epístola aos Romanos, chegamos agora ao capítulo 13. Esta é uma nova divisão, ou talvez eu deva antes dizer, uma nova subdivisão. Faz parte, certamente, da segunda grande porção desta Epístola, uma porção que o apóstolo começou no início do capítulo 12; por isso esta divisão ainda vem sob o título geral de aplicação da doutrina que o apóstolo tinha formulado nos primeiros onze capítulos, particularmente nos primeiros oito. Mas é uma nova subdivisão deste grande tema que ele está desenvolvendo aqui conosco. O evangelho não é só para se crer,

é para se praticar, e, se falharmos em pô-lo em prática, de nada adiantará qualquer acúmulo de entendimento intelectual.

Chegamos então aqui a uma porção muito interessante. Tudo é interessante, claro, e, todavia, não há incoerência no que digo. Se eu constantemente digo que esta ou aquela divisão é a mais interessante a que já chegamos, simplesmente esse é um modo de pagar tributo às Escrituras. Geralmente vejo que o que estou estudando no momento parece que é a porção mais interessante que já estudei, porém, como isso é verdade sobre cada porção das Escrituras, fica evidenciado quão maravilhosas são todas as Escrituras. Contudo, por muitas razões, este capítulo tem um interesse particular, como tentarei mostrar a vocês.

Primeiro, o capítulo é muito interessante meramente do ponto de vista de um estudo e exposição das Escrituras. É interessante notar a precisa conexão desta porção com a que a precede e com a que a segue – uma questão que tem preocupado muito a mente dos expositores. Qual será, perguntam eles, a exata relação desta divisão com o seu contexto imediato?

Depois, o capítulo 13 de Romanos também é interessante devido aos princípios aqui ensinados. Como veremos, vamos estar face a face com problemas que estão na mente do povo cristão na época atual, alguns dos quais de vital importância. Neste século vinte a relação geral do cristão com o Estado tem se apresentado de forma aguda. A questão levantou-se na Itália, levantou-se ainda mais na Alemanha do tempo de Hitler, e está surgindo em muitos países hoje. Nós mesmos talvez tenhamos que enfrentar algo semelhante, Deus o sabe. E há cristãos que estão com grande dificuldade quanto à interpretação destes versículos de Romanos. Conforme somos levados para cada vez mais perto das condições e da situação descritas em certos capítulos do livro do Apocalipse, particularmente no capítulo 13, torna-se cada vez mais importante que entendamos o ensino desta parte das Escrituras.

Vamos então dar atenção a alguns desses problemas. O primeiro é a conexão dos versículos que vamos examinar aqui – particularmente os primeiros sete versículos – e com o que ele vai dizer a partir do versículo 8 do capítulo 13. Os comentaristas realmente se agitam muito acerca disto, e sustentam muitas ideias diferentes.

Muitos dizem que esta parte não tem nenhuma ligação, nem com o que vem antes, nem com o que vem depois. Há interessantes comentaristas

modernos, alguns deles homens evangélicos e grandes eruditos, que adotam essa ideia. Um fala sobre o apóstolo “lançar abruptamente” o ensino aqui. Ele continua: “Não há nada na carta que indique por que Paulo acha necessário mudar tão positiva e rapidamente de um assunto para outro sem explicação”. Bem, isso está tão claro como qualquer coisa poderia estar, não está? Ele diz que não há conexão entre o que o apóstolo diz nestes primeiros sete versículos e o que ele diz antes e depois – absolutamente nenhuma. Este ensino seria simplesmente uma intromissão no meio do que ele está dizendo.

Outros comentaristas, embora não indo tão longe ao ponto de dizerem que estes versículos são uma pura intromissão, afirmam que eles interrompem seriamente a continuidade de pensamento entre o fim do capítulo 12 e o capítulo 13, versículo 8. Os versículos 1 a 7, dizem eles, interrompem a argumentação do apóstolo, que ele coloca em termos negativos no capítulo 12, versículo 17: “A ninguém torneis mal por mal”, e de novo em termos negativos no capítulo 13, versículo 8: “A ninguém devais coisa alguma”. Eles assinalam que em ambos os casos estas negativas são seguidas por uma exortação positiva a amar: “A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens” (Romanos 12.17,18); e: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis; porque quem ama aos outros cumpriu a lei” (Romanos 13.8). Aí está, dizem eles, a óbvia continuidade, e as declarações que constam nos primeiros sete versículos não são nada mais que uma interrupção deste tema do amor ao próximo.

Alguns vão mais longe e dizem que as declarações destes primeiros sete versículos são completamente incongruentes com o que Paulo diz na divisão toda, que não somente são uma interrupção, mas que, num sentido, quebram a harmonia, não se enquadram nem são pertinentes ao clima e à esfera geral do pensamento do apóstolo neste ponto. Esta passagem, dizem eles, lembra muito mais o velho rabi Paulo; é mais judaica que cristã. Outros dizem que é muito mais grega que cristã. É uma espécie de mistura de ensino grego e judaico, muito diferente do ensino cristão que o apóstolo nos dá nas partes circunvizinhas.

Outros dizem que é muito estranho que o apóstolo nos diga que estejamos sujeitos às “potestades que há”, ao Estado, e assim por diante. Isso

está em desarmonia, acham eles, com o que ele nos dissera no versículo 2 do capítulo 12, onde lemos: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”. Parece que ele se esqueceu disso, dizem eles.

Ademais, Paulo conclui este capítulo 13 dizendo que estamos na beira do fim do tempo: “Conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada...”. Todavia, nestes sete versículos ele parece afastar-se inteiramente desta noção escatológica, e nos diz como viver neste mundo, como se o tempo continuasse interminavelmente. Assim é que eles criticam muito fortemente esta passagem, achando que ela é uma espécie de intrusão.

Outros dizem que esta passagem aqui é inteiramente incongruente e descaracterizada, porque nestes sete versículos o nome do nosso Senhor não é mencionado nem uma vez. O apóstolo argumenta em termos de Deus o Criador e isso, dizem eles, é como que um abandono do ensino cristão. Paulo parece ter retornado à antiga posição farisaica, escrevendo como judeu sobre Deus o Criador, e partindo da perspectiva veterotestamentária do homem e sua vida no mundo, antes que do homem cristão; eles acham que o que ocorreu aí foi um tipo de lapso. E depois acrescentam que toda esta ideia de uso da força pelo Estado, e de uso da espada, está muito longe do ensino cristão sobre o amor, ensino que o apóstolo já nos ministrara tão excelentemente no capítulo 12, onde ele diz: “O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem... Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira”, etc.

Pois bem, são esses os tipos de argumentos que devemos encarar. Esses homens estudam as Escrituras, essa é a sua vocação e a sua atividade, e eles se veem numa dificuldade muito real com relação a esses sete versículos. Daí, que é que temos para dizer a respeito? Devemos enfrentar os argumentos porque, se havemos de ter um verdadeiro entendimento deste ensino – e, como opinei, é importante que o tenhamos por causa das grandes questões envolvidas – temos que ser capazes de mostrar por que o apóstolo escreveu estes versículos e informar qual é a relação deles com tudo o que ele diz no contexto imediato.